



31.03.1869/31.03.2019

SESQUICENTENÁRIO DA DESENCARNAÇÃO DE KARDEC

Espíritas do mundo inteiro recordam, neste 31 de março, os 150 anos da morte física de Allan Kardec. O CCEPA promoverá ato especial em homenagem ao fundador do espiritismo.

O BOM SENSO ENCARNADO

Em discurso de despedida ao Mestre **Allan Kardec**, por ocasião de seu sepultamento, no Cemitério de Montmartre, o astrônomo e escritor francês Camille Flammarion, seu colaborador na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, a ele se referiu como “o bom senso encarnado”. Emocionado, recordou em seu discurso:

“Muito amiúde conversávamos sobre essa vida celeste tão misteriosa; agora, oh! alma, sabes, por visão direta, em que consiste a vida espiritual a que voltaremos e que esquecemos durante a existência na Terra”.

Destacando a verdadeira natureza da obra do pedagogo francês que retirou do sobrenatural, para colocar na área das leis naturais, as questões da sobrevivência do espírito e sua inter-relação com o mundo material, Flammarion, acentuava:

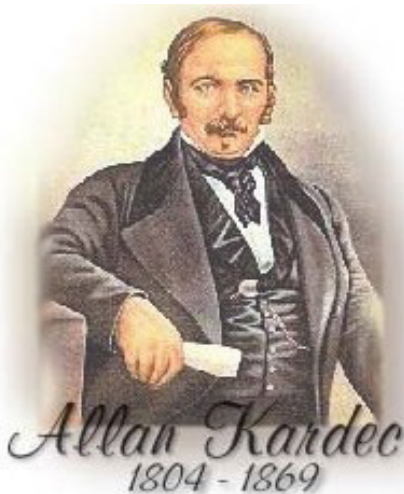
“...Porque o Espiritismo, Senhores, não é uma religião, mas uma ciência, da qual só conhecemos o abecê. Passou o tempo dos dogmas (...) O sobrenatural não existe (...) Não há milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que consequências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?”.

O HOMEM E O MITO - 150 ANOS DEPOIS

Um ano após, em 29.3.1870 os restos mortais de Kardec foram trasladados para outro cemitério de Paris, o Père-Lachaise, onde estavam sepultadas figuras ilustres das artes e da vida pública francesa. Junto à sepultura, em formato de dólmen, construiu-se belo monumento que, desde então, é atração turística na Cidade Luz. Sempre muito florido, recebe visitantes do mundo inteiro e é cultuado como lugar de devoção e de peregrinação religiosa: um indício de que o perfil eminentemente racional de Kardec deu lugar ao mito do fundador de uma nova religião.

Por sua vez, o espiritismo, apesar dos esforços de alguns fiéis seguidores de Kardec, como **Gabriel Dalanne**, **León Denis** e outros, que seguiram lutando pela preservação do legado filosófico/científico/moral de seu fundador, passou a ser majoritariamente confundido com doutrinas de caráter místico, esotérico e ocultista.

Mesmo em países nos quais o espiritismo prosperou, com a adesão de importantes intelectuais e produção de vasta literatura doutrinária, como é o caso do Brasil e outros da América Latina, o movimento assumiu nítidas feições evangélicas, superestimando-se o “aspecto religioso” em detrimento das características imprimidas por Kardec. Para ele, “o verdadeiro caráter do espiritismo é de uma ciência e não de uma religião”, ou uma ciência de consequências “filosófico-morais”.



O CCEPA NO SESQUICENTENÁRIO DA DESENCARNAÇÃO DE KARDEC

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre integra segmento, liderado pela CEPA – Associação Espírita Internacional, que vê no espiritismo um movimento espiritualista de caráter laico, progressista e livre-pensador.

Para recordar os 150 anos da desencarnação de Allan Kardec, o CCEPA programou para a tarde de 29 deste mês o evento **Encontro com Kardec 150 Anos Depois**, que constará de uma mesa redonda - **Allan Kardec e o Espiritismo** - com **Salomão Jacob Benchaya**, **Milton Medran Moreira** e **Antonio Cezar Lima da Fonseca**, seguida do lançamento do livro **Encontrando Allan Kardec**, de Antonio C.L.da Fonseca. (Detalhes, na página 5).

Nossa Opinião

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Em três opúsculos lançados poucos meses antes de morrer, em 2.000, no XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, em Porto Alegre, o pensador espírita carioca Krishnamurti de Carvalho Dias, autor de *O Laço e o Culto*, referia-se a Allan Kardec, simplesmente como “Professor Rivail”, tal como era conhecido o pedagogo francês, antes de adotar o pseudônimo que o celebrizaria como autor das obras espíritas. Justificativa: no imaginário popular, Allan Kardec é tido como o místico fundador de uma nova religião cristã: o espiritismo. Sua obra espírita, no entanto, segundo Krishnamurti, não tem características religiosas, mas é uma bem fundamentada proposta de cunho racional, científico, filosófico e moral envolvendo questões que sempre desafiaram o conhecimento humano. Para evitar que o mito fosse confundido com o homem, optou por referir-se a ele como Professor Rivail.

A estratégia do escritor não passava, evidentemente, de uma metáfora. Quem conhece o espiritismo e leu alguma das obras de Kardec, sabe que jamais esteve em seus planos fundar uma nova religião. Seu grande projeto, como reconheceu Flammarion, era de introduzir na cultura humana o estudo racional, científico e filosófico do espírito.

Decorridos 150 anos de sua partida, longe estamos de alcançar aqueles objetivos. Mas é estimulante verificar que, nos mesmos países onde o espiritismo se firmou como uma religião, cresce sensivelmente o número de pessoas e instituições dedicadas à pesquisa e estudo da obra de Kardec visando resgatar os fundamentos e objetivos alimentados por seu fundador. As indagações e incertezas projetadas pelo ilustre orador, aos pés do túmulo de Kardec, com relação ao futuro daquela “nova ciência” ainda não têm respostas. Mas, pairam no ar alguns indícios de que se abrem caminhos promissores, os quais, necessariamente, começam pelo resgate de sua verdadeira identidade.

(A Redação)



As tragédias e o inevitável risco de viver

A vida é uma aventura audaciosa, ou não é nada.

A segurança é geralmente uma superstição. Ela não existe na natureza. Helen Keller.

Para quem concebe a existência humana como uma programação em tudo planejada e rigorosamente executável (determinismo), as tragédias, sejam naturais ou resultantes da invigilância humana, se afiguram como inafastáveis. Se a essa concepção juntarmos a crença em deuses ou forças inteligentes invisíveis dotadas de um draconiano sentimento justiceiro, os episódios amargos de uma existência serão tidos sempre como penas diretamente aplicadas às respectivas vítimas. As catástrofes naturais, as ações e omissões humanas, tudo estaria direcionado a perpetuar e a justificar uma infundável sucessão de castigos.

Trazendo a tese à nossa realidade recente, os crimes mais abjetos, as catástrofes da natureza, os dramáticos acontecimentos recentes de Mariana e Brumadinho, os incêndios que vitimaram os jovens da Boate Kiss, de Santa Maria, e os atletas adolescentes do Flamengo, a fome que grassa em países subdesenvolvidos, todas as tragédias, nada mais seriam que castigos impostos às suas infelizes vítimas, por erros cometidos no passado. Nem seriam vítimas, mas justificados!

Esse fatalismo, assim examinado numa perspectiva reencarnacionista rasa, é extremamente cruel e nada pedagógico. A reencarnação, vista sob um olhar racional e efetivamente progressista, evolucionista, é, mais do que tudo, um processo educativo. Contempla o erro como resultante da ignorância – “Ninguém é deliberadamente mau”, advertiu Sócrates – e oportuniza àquele que fez escolhas erradas novas chances de progresso, mediante uma vida produtiva, mesmo que com desafios e imprevisíveis obstáculos.

Tragédias não punem. Ensinam. Previnem. Alcançam culpados que, ante sua ocorrência, podem refazer e retificar caminhos. Mas, estendem seus efeitos também a quem não concorreu com sua causação. A humanidade é uma só e frequenta a mesma escola. Juntos, todos melhor aprenderão a ler nos eventos da vida proveitosas lições, capazes – ou ainda não – de evitar futuras ocorrências. Ademais, tais eventos oferecem boas oportunidades do exercício da solidariedade, da cooperação mútua, da compaixão. Outra lição, não menos importante, leva-nos a entender que a vida, no mundo material, é feita de riscos, nem sempre evitáveis e tampouco previsíveis. Até porque aquilo hoje visto como terrível tragédia, no curso da vida maior, a do espírito imortal, irá figurar como mero acidente inerente ao risco de viver.

Não é rigorosamente certo dizer que o acaso não existe. Aos acasos devemos singulares episódios, tanto no campo biológico,

como no processo de avanços sociais, assim como no desenvolvimento espiritual e no da aprendizagem. A natureza também se vale deles, na sua inteligente trajetória em busca do útil, do bom e do belo.

A insegurança, a indeterminação, os riscos, enfim, fazem parte do processo da vida. Importante será colhê-los, todos, como elementos de aprendizagem, desafios aptos a modificações úteis à vida de relação, à nossa interface com a natureza e com o desenvolvimento da vida no rumo de dimensões mais plenas.

É equívoco pretender tudo explicar mediante o processo linear culpa/castigo. Mais racional será admitir que tudo, rigorosamente tudo, concorre para despertar nossa responsabilidade comum acerca do presente e do futuro de nossa própria existência, da de nossos companheiros de jornada e, enfim, do destino saudável do planeta que temporariamente nos acolhe.

Esse fatalismo, assim examinado numa perspectiva reencarnacionista rasa, faz-se extremamente cruel e nada pedagógico.

Opinião do leitor

Sobre a posse de armas

Acerca do tema do editorial de *CCEPA OPINIÃO* nº 270: Vivo em um país onde a lei de posse e porte de armas é parecida com aquela que entrou em vigor no Brasil. O índice de criminalidade e assassinatos com armas de fogo é bem baixo. Não diria o mesmo para os suicídios. Nesses casos, as vítimas de armas de fogo são bem mais numerosas. Não creio que seja com armas que iremos mudar o mundo, mas com educação de qualidade, tanto em casa como na escola. O povo brasileiro não está preparado para isso. **Edson Miklos – Riehen – Suíça.**

Sobre a posse de armas (2)

As utopias foram ditas que assim eram pelos que não acreditavam em ideias. E a Humanidade foi – e vai –, pouco a pouco, materializando em realidade as utopias. Parabéns pelo editorial “Sobre a Posse de Armas”. **Marcelo Henrique – Florianópolis/SC.**

Curas espirituais

Em *Opinião em Tópicos* da edição 270 deste jornal, Milton Medran Moreira aborda com precisão e habilidade o tema das curas espirituais. De minha parte, sempre achei que mais prejudica que ajuda. Se o “tratamento” dá certo acarreta mais hordas de pedintes de socorro. Estes, no entanto, quase nunca se aprofundam na questão doutrinária e filosófica do espiritismo. Se não der certo, provoca descrença e falatório desabonador sobre a Doutrina. Felizmente, parece que esse aspecto está diminuindo no meio espírita. O texto da coluna é um farol que ajuda a melhor entender o espiritismo. **Nícia Cunha – Cuiabá/MT.**

Curas espirituais (2)

Trabalho em um centro espírita e me deparo muitas vezes com essa incompreensão do que seja espiritismo, dentro mesmo do grupo de trabalhadores. Quanto aos que buscam o centro espírita a tônica é praticamente uma só: a solução dos problemas materiais. Uma lástima! Obrigado pelo excelente texto de *Opinião em Tópicos*. **Lúcia Souza – Jabotão dos Guararapes/PE.**



CCEPA
opinião

ORGÃO DO CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE
Departamento de Comunicação Social

Rua Botafogo 678 - Menino Deus - P. Alegre - RS
FONE: (51) 3209 2811 - CEP 90150-050
E-mail: ccepars@gmail.com
Blog: <http://www.ccepa-opiniao.blogspot.com.br>
EDITOR CHEFE: Milton R. Medran Moreira
Jornalista - Reg. Prof. MTb3.352

IMPRESSÃO:
Evangraf - www.evangraf.com.br
Fone: (51) 3336 2466 - Porto Alegre/RS

ASSINATURA

Envie o seu pedido de assinatura para o CCEPA, Rua Botafogo 678, Porto Alegre-RS, CEP 90150-050, acompanhado de um cheque nominal no valor de R\$ 50,00 e receba, por um ano, este vibrante mensário, porta-voz do pensamento espírita dinâmico e inovador, cultivado no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Assinatura anual para o exterior: US\$50,00

CONSELHO EDITORIAL:
Maurice Herbert Jones
Salomão Jacob Benchaya
Rui Paulo Nazário de Oliveira
Neventon Vargas (João Pessoa - PB)
REVISÃO: Salomão J. Benchaya
SECRETARIA: Tereza San Martins Samá
EXPEDIÇÃO: Rui P. Nazário de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO & ARTE: Evangraf



Opinião em tópicos
Milton Medran Moreira

Juízes espíritas

O Conselho Nacional de Justiça promoveu recentemente ampla pesquisa entre magistrados do Brasil buscando levantar o perfil sociocultural dos homens e mulheres encarregados de julgar nossos conflitos. Embora os números hajam concluído que os juízes brasileiros, ainda são majoritariamente **homens, brancos e católicos**, foi possível verificar que, ano após ano, cresce o número de mulheres, negros e não católicos nas fileiras da magistratura.

Mas, o dado específico que desejo destacar aqui é o do crescimento no índice de magistrados que se declararam espíritas: 12,7%. Não é muito, se considerarmos que 57,5% deles se disseram católicos. Mas é significativo se compararmos com pesquisa anterior, de 2013, onde 79,9% dos entrevistados eram católicos e só 5,4% espíritas. Mais do que dobrou.

Os sem religião

O número talvez possa ser mais expressivo se atentarmos para o fato de, na mesma pesquisa, 18,2% dos juízes haverem respondido não terem religião alguma (a pergunta formulada era: qual sua religião?). Todos sabemos que a esse tipo de indagação muitos espíritas autênticos preferem responder: “não tenho religião”.

Seja como for, os resultados da pesquisa sugerem uma tendência que não deve se circunscrever à Magistratura, alcançando a Advocacia, o Ministério Público, as carreiras jurídicas em geral: Há uma crescente aproximação dos estudiosos e operadores do Direito aos postulados da filosofia espírita. É natural, já que o espiritismo, bem compreendido, propõe uma avançada concepção de Justiça, considerada esta o bem imaterial objeto do Direito.

Quando o Direito frustra a Justiça

Quem aplica o Direito ou anseia pela Justiça, em países como o nosso, inevitavelmente sofre profundas frustrações. A adequação do Direito à verdadeira Justiça é um processo por demais lento. De um lado, pesam sobre a sociedade históricos sistemas de proteção às elites econômicas e sociais que só com o avanço da Democracia e o aprimoramento ético de todos podem ser debelados ou minimizados. De outro, as naturais limitações humanas dificultam transpor aos mecanismos formais do Direito toda a realidade sofrida por quantos, efetivamente, têm “fome e sede de justiça”.

Um juiz, por maior capacidade subjetiva que tenha de intuir a verdade de um processo, sempre estará preso à verdade objetiva dos autos, a chamada “verdade processual”, que nem sempre é a “verdade real”. “O que não está nos autos não está no mundo”, reza velho brocardo jurídico.

Espiritismo e Justiça

Para atenuar a frustração da inviabilidade da justiça plena, aqui e agora, homens e mulheres que amadureceram na alma o genuíno e radical sentimento de justiça e creem na sua viabilidade tendem à adoção de uma filosofia capaz de transcender os limites materiais. Mesmo diante desse cenário, ou por ele estimulados, buscam os meios disponíveis no sentido de tornar a sociedade e seus mecanismos de poder mais equânimes e próximos da verdadeira Justiça, apesar das imperfeições do Direito.

O espiritismo, por seus conteúdos filosóficos e pela práxis que sugere, talvez seja a doutrina mais apta à consecução da Justiça. Quiçá por isso – e não como mero sucedâneo religioso ou da troca de uma fé por outra – é que a doutrina espírita venha ganhando espaço na área do Direito.



Opinando
Salomão Jacob Benchaya

O CCEPA E O LIVRE-PENSAR (III)

O ano de 2000 marca o retorno institucional da CEPA ao Brasil com a realização, a cargo do CCEPA, do XVIII Congresso Espírita Pan-americano, em Porto Alegre, de 11 a 15 de outubro, tendo como tema central a pergunta “Deve o Espiritismo atualizar-se?” e com o objetivo de discutir a questão da atualização doutrinária do espiritismo.

Mesmo tendo o cuidado de divulgar prévia e amplamente uma “Declaração de Intenções” esclarecendo os critérios norteadores do evento e os propósitos da CEPA relativos à questão, o congresso suscitou acalorados debates e a reação conservadora do movimento organizado. Tanto a FEB como a FERGS, convidadas a participar, não compareceram.

Enquanto a FEB, de forma cortês, declinou do convite “por não reconhecer nos homens nenhuma autoridade para alterar, a qualquer título, uma Doutrina que não foi por eles elaborada e nem revelada, mas sim pelos Espíritos Superiores”, a FERGS informou não abonar “em caráter oficial, a participação de nenhuma pessoa vinculada ao quadro federativo estadual, mesmo que em caráter de observador, ao evento programado pela CEPA, por considerar inaceitável o tema proposto”. Concomitantemente, a FERGS expediu circular à rede federada orientando as casas espíritas a, entre outras medidas, a “não mais cederem espaços em suas tribunas aos expositores vinculados ao Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) e à Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), entidades que semeiam insistentemente ideias contrárias aos princípios doutrinários, negando o aspecto religioso da Doutrina Espírita e opondo-se aos ideais do Cristianismo”, “aos dirigentes espíritas, profunda análise das matérias contidas no boletim ‘Opinião’, órgão oficial do CCEPA, atentando para os conceitos revisionistas que ali sistematicamente são divulgados e que desconsideram o caráter religioso do Espiritismo, procurando difundir o que denominam “espiritismo laico” e “não dar circulação ao boletim ‘Opinião’, órgão oficial do CCEPA”.

Uma característica que esse congresso imprimiu aos eventos da CEPA foi a apresentação, na categoria de “Temas Livres”, sem prévia censura, de trabalhos de estudiosos e pesquisadores espíritas, mesmo que não concordantes com o pensamento cepeano, diferentemente dos eventos do movimento espírita religioso e “unificado” em que há um discurso dominante e exclusivo.

Nesse congresso assumiu a Presidência da CEPA o companheiro Milton Medran Moreira, com o que a Confederação passa a ter sede no Brasil, no mesmo endereço do CCEPA, até o ano de 2008.

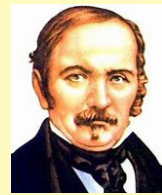
Finalizando, quero destacar como um dos mais importantes instrumentos de influência do CCEPA no livre pensamento espírita o papel do jornal CCEPA OPINIÃO que, além de registrar as ideias aqui movimentadas, dentro de princípios do humanismo, da laicidade, da progressividade e do livre-pensar, divulga essas ideias através das mídias modernas que atingem milhares de leitores.

É alentador, constatar-se que as ideias propostas, há décadas, pela CEPA-Associação Espírita Internacional, cada vez mais ganham terreno dentro do movimento espírita, com o surgimento de diversos grupos e instituições integrados por livres pensadores, vinculados ou não à CEPA.



OPINIÃO DE...

Allan Kardec - Pedagogo francês, fundador do Espiritismo (1804/1869)



“Os Espíritos levianos são ainda reconhecidos pela facilidade com que predizem o futuro e se referem com precisão a fatos materiais que não podemos conhecer. Os Espíritos bons podem fazer-nos pressentir as coisas futuras, quando esse conhecimento for útil, mas jamais precisam as datas. Todo anúncio de acontecimento para uma época certa é indício de mistificação”. (“O Livro dos Médiuns” –Paris-1861 – Cap.24 – “Identidade dos Espíritos”)



Saiu o Manifesto por um Espiritismo Livre

Conforme antecipamos, em nossa edição do mês passado (reportagem de capa *Livre-Pensamento: a marca do período intermediário*), a Associação Brasileira de Pedagogia Espírita – ABPE – acaba de publicar o *Manifesto por um Espiritismo Kardecista Livre*.

O documento expõe em seu preâmbulo que “o espiritismo no século XXI é um fenômeno multifacetado e complexo” composto de “diferentes correntes que praticam a mediunidade” se autodeclarando “espíritas” ou apenas “espiritualistas”, todas merecendo “respeito e solidariedade”. Salienta, entretanto, que o manifesto “se refere à tradição específica de Kardec” e a seu respectivo “legado”.

Sob o entendimento de que o espiritismo “institucional e hegemônico” criado no Brasil não representa aquele fundado por Kardec, o manifesto rejeita a ideia de que seja ele “uma religião institucional” e sustenta que o espiritismo propõe “uma espiritualidade livre e aberta, com possibilidade de diálogo com outras tradições espirituais”.

Assim o manifesto rejeita “qualquer tutela institucional sobre o pensamento espírita”, eis que “a prática, o estudo, as produções e a representação do espiritismo são livres e não são monopólio de nenhuma instituição nacional ou internacional”. Prega o diálogo entre todos os espíritas, “sem a perda da criticidade e da liberdade de consciência e expressão”.

COM MAIS DE 700 SUBSCRITORES, O MANIFESTO SEGUE RECEBENDO ADESÕES

O documento, publicado na íntegra no site da ABPE - <https://www.pedagogiaespirita.org.br/editorial> - foi lançado com mais de 700 assinaturas, mas segue recebendo adesões.



A pedagoga **Dora Incontri** preside a ABPE, responsável pelo *Manifesto por um espiritismo kardecista livre*, documento que tem por objetivo iluminar “o que é essência e o que é incoerência”, segundo diz seu lançamento.

No **Centro Cultural Espírita de Porto Alegre**, o manifesto está sendo objeto de apreciação entre seus integrantes, neste reinício de atividades, transcorrido o período de férias dos grupos de estudos. Entretanto, previamente consultados, já constam como signatários os nomes do presidente do CCEPA, **Salomão Jacob Benchaya**, do ex-presidente **Donarson Floriano Machado**, do editor deste jornal **Milton Rubens Medran Moreira**, que também é ex-presidente da CEPA – Associação Internacional Espírita, e do integrante de nosso Conselho de Redação, **Néventon Vargas** (João Pessoa/PB).

No âmbito da CEPA, o manifesto, desde o lançamento do projeto de sua publicação, recebeu a adesão de vários dirigentes e delegados. Entre os signatários, estão a atual presidente da entidade, **Jacira Jacinto da Silva** (São Paulo), seu diretor executivo, **Mauro de Mesquita Spínola** (São Paulo) e o ex-presidente **Jon Aizpúrua** (Caracas, Venezuela). Firmaram ainda: o ex-vice-presidente da CEPA e atual assessor da presidência, **Ademar Arthur Chioro dos Reis** e a ex-presidente da CEPABrasil, **Alcione Moreno** (São Paulo). O jornalista e escritor **Wilson Garcia** (São Paulo/SP), também delegado da CEPA, em seu apreciado blog “expediente-on-line” saudou efusivamente o lançamento do manifesto que, diz, “*pugna por uma convergência na base do respeito à diversidade de pensamentos, por uma união sustentada nos pontos doutrinários comuns e pelo direito de interpretação, que é inalienável*”. Para Garcia, “*o documento vem, em boa hora, se somar aos esforços empreendidos de forma quase isolada, mas heroica, daqueles que pugnam por um espiritismo menos místico e mais racional, lógico e equilibrado*”. Ver artigo em:

<http://www.expedienteonline.com.br/manifesto-e-mais-uma-acao-por-um-espiritismo-sem-donos-e-sem-danos/#more-3932>

Interessados em firmar o *Manifesto por um espiritismo kardecista livre* devem enviar nome, cidade e estado ou país para o e-mail: abpe@pedagogiaespirita.org.br.

ASSEPE tem Nova Diretoria

No **último 23** de fevereiro, a ASSEPE - Associação de Estudos e Pesquisas Espíritas de João Pessoa - PB, reuniu-se para cumprir a determinação estatutária de prestação de contas do ano anterior e eleger o novo Conselho Administrativo.

Após dois mandatos consecutivos, o presidente **Néventon Vargas** e a vice-presidente **Andréia Vargas de Lima** são sucedidos por **Matheus Laureano Oliveira dos Santos** e **Thiago Lima da Silva**, respectivamente.

O complemento do Conselho Administrativo ficou com **Amely Branquinho Martins**, no cargo de Secretária, e **Néventon Vargas** como Tesoureiro.

A ASSEPE - <http://www.assepe.org.br> – entidade filiada à CEPA – Associação Espírita Internacional – se define como “uma instituição espírita, humanista, pluralista, livre-pensadora e progressista, que tem o objetivo de estudar e entender as relações com os espíritos, daí elaborar os conhecimentos construídos e divulgar os resultados”. Segundo fazem constar em sua apresentação no site acima, “estamos fundamentados na Filosofia Espírita, no seu dinamismo e constante progresso, se relacionando com todos os campos de saber produzido e construído pela humanidade”.

Na foto abaixo, por ocasião da Assembleia do dia 23, os integrantes da ASSEPE. A partir da esquerda: **Flaviano Silva**, **Carlos Guimarães**, **Matheus Laureano**, **Amely Martins**; **Thiago Lima**, **Inaê Porto** (com a filha **Flora**), **Geci Camargo** e **Néventon Vargas**.



Novos dirigentes também no CEE J. Herculano Pires

Uma das mais tradicionais instituições espíritas de São Paulo, o **Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires** (Penha, capital), também elegeu nova Diretoria e Conselho Fiscal, em Assembleia Geral do dia 22 de fevereiro.

Integrante dos primeiros centros espíritas a aderir à CEPA, na década de 90, o CEEHP, tem entre seus associados a presidente da CEPA, **Jacira Jacinto da Silva** e o diretor administrativo da mesma instituição, **Mauro Spínola**.

Na foto abaixo aparecem **Camila** (Presidente), **Nelson** (Segundo Tesoureiro), **Roseli** (Primeira Tesoureira) e **Nilci** (Secretária Geral). Foi ainda eleita a companheira **Elisabete** para a Secretaria Adjunta.





Registros da Grande Imprensa



“Médicos do futuro serão poderosos médiuns”

A afirmação acima é a manchete de longa entrevista feita pela jornalista Ana Elizabeth Diniz com o médico e professor da Faculdade de Medicina da UERJ **Paulo Cesar Frutuoso** para o jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, edição de 3/10/18.

Frutuoso, que é cirurgião, sustenta que no futuro “os médicos serão médiuns muito desenvolvidos e trabalharão em parceria com médicos que estão nos planos espirituais”.

“A Medicina Mediúnica do Futuro”

A entrevista aconteceu por ocasião do lançamento do livro do Dr. Paulo Cesar Frutuoso *A Medicina Mediúnica do Futuro*, obra de 328 páginas da Editora Boa Nova.

Na matéria de *O Tempo*, Frutuoso afirma que todo o médico, mesmo sem se aperceber disso, é um médium: “Mesmo sem tomar conta dessa realidade, nós, médicos, estamos sempre acompanhados e somos intuídos pelos colegas de outros planos da existência. Enquanto cuidamos da parte física, eles zelam pelo corpo energético, vital e espiritual dos pacientes”.

Para ele, “na grande maioria das doenças, estamos tratando apenas os efeitos, desconhecemos quase na totalidade as causas, principalmente as relacionadas com as doenças genéticas”. Afirma, no entanto, que “no futuro, com nossos sentidos mediúnicos desenvolvidos e com a ajuda indispensável dos médicos do além, cuidaremos das causas das doenças, e isso será tema de congressos e seminários médicos do mundo inteiro”.

Corpo espiritual: a chave de futuros conhecimentos médicos

Para o médico e professor carioca, que é ativo colaborador do “Lar de Frei Luiz”, conhecido centro espírita, com grande frequência, do Rio, “as causas de muitas enfermidades como o câncer estão no corpo espiritual, mais precisamente no perispírito, o envoltório do espírito e que o conecta ao corpo físico. Tudo o que falamos, fazemos ou pensamos repercute positiva ou negativamente nesse componente. Qualquer ato que gere sofrimento ao semelhante ou prejuízo à natureza do planeta que habitamos, promove sua deformação, que será mais ou menos profunda, de acordo com o mal praticado”.

Dr. Frutuoso, ao abordar esses temas na entrevista, disse que tudo isso será objeto de estudos muito profundos no futuro: “Ao ingressar nas faculdades de medicina, os médicos do porvir terão seu DNA analisado a fim de se detectar a ativação do genes da mediunidade. Caso essa característica genética esteja ativada, serão desenvolvidos e orientados por profundos estudiosos do assunto, a fim de saberem como desenvolver adequadamente seus poderes sensitivos”.

Otimista a respeito dessa realidade vindoura, o entrevistado asseverou que “os médicos do futuro vão se assemelhar aos deuses da mitologia grega”, graças à sua mediunidade e capacidade de trabalharem no corpo espiritual de seus pacientes, com a ajuda dos colegas médicos de outras dimensões espirituais.

Para acompanhar toda a matéria publicada em *O Tempo*, acesse:

<https://www.otempo.com.br/intereza/m%C3%A9dicos-do-futuro-ser%C3%A3o-poderosos-m%C3%A9diuns-diz-frutuoso-1.2061486>



Para o Dr. Frutuoso, os médicos do futuro se assemelharão aos deuses da mitologia grega.

Na Internet, CCEPA OPINIÃO colorido

Desde a edição passada – a de número 270 – estamos veiculando a edição digital deste jornal do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, em cores.

Para acessar: www.ccepa-opinio.blogspot.com/.

A inovação promovida pelo CCEPA foi saudada pela Gazeta digital *Kardec Ponto Com* que assim consignou em sua edição de fevereiro último, em matéria de seu editor, o jornalista **Carlos Barros** (João Pessoa/PB), com o título de “Colorido ficou mais atraente”:

O jornal OPINIÃO, publicação do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, um dos melhores entre os mais lidos do movimento espírita brasileiro, está com roupagem gráfica colorida. Os tons aplicados deixaram o impresso espírita gaúcho mais atraente, já que o seu conteúdo informativo é sempre muito bem tratado pelo editor-chefe Milton Medran”.

Gazeta Ponto Com pode ser lida na Internet, no seguinte endereço:

<https://drive.google.com/file/d/1DpDAMSu46p8T1aCal-New4kpNaMU8T09L/view?usp=sharing>

Homenagem a Kardec no CCEPA com lançamento de livro

Como referido em nossa reportagem de capa, os 150 anos da desencarnação de Allan Kardec, ocorrida em 31 de março de 1869, será lembrada no Centro Cultural Espírita em evento previsto para o dia 29 deste mês, a partir das 15h00.

Uma mesa redonda e o lançamento de uma obra sobre Kardec marcarão o evento. O livro é de autoria do procurador de Justiça do Rio Grande do Sul, colaborador deste periódico, **Antonio Cezar Lima da Fonseca**, com prefácio escrito pelo editor deste jornal, **Milton Medran Moreira**.

O evento é franqueado a todos os interessados. Veja detalhes, a seguir:



CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE

ENCONTRO COM KARDEC

150 ANOS DEPOIS

Evento recordando os 150 anos da desencarnação de Allan Kardec



Programa:

- Mesa Redonda: “Allan Kardec e o Espiritismo”
- Com: Salomão Jacob Benchaya
Milton Medran Moreira
Antonio Cezar Lima da Fonseca
- Lançamento do livro: “Encontrando Allan Kardec” de Antonio Cezar Lima da Fonseca.

Sexta-Feira, 29 de março, 15h

ENTRADA FRANCA

AUDITÓRIO DO CCEPA - RUA BOTAFOGO 678 - MENINO DEUS

APOIO:






Enfoque



Jerri Almeida

Historiador, Professor,
Dirigente espírita (Osório/RS)

RELIGIÃO E PODER

Uma história inconclusa!

Os romanos acreditavam na apoteose pós-morte dos grandes chefes, mas recusavam sua divinização durante a vida. Júlio César, após ser assassinado, foi aclamado “deus entre os deuses” e em 29 a.C. um templo lhe foi consagrado. O imperador Augusto, nas províncias romanas passa a ser considerado “filho de deus” e, com o tempo nasce um “culto imperial”, a deificação dos bons imperadores. No século II, em diante, a recusa em celebrar o culto imperial deu origem a uma das mais fortes perseguições aos cristãos. As hostilidades aos seguidores de Jesus foram estimuladas também pela “opinião pública” da época. A última perseguição foi ordenada por Diocleciano entre os anos 303-305. Foi a mais longa e a mais sangrenta. Diocleciano considerava o cristianismo uma religião antinacional que traria ainda mais divisões num Império permeado por crises na economia, nas fronteiras, no escravismo e na conduta moral dos governantes.

Mas enquanto o Império Romano enfraquecia, o Cristianismo – fundado por Paulo de Tarso e não por Jesus de Nazaré – mostrava sua força e vitalidade já por volta de 300 d.C. em Antioquia e Alexandria, onde havia comunidades mais organizadas diante de inúmeras outras manifestações religiosas de influências egípcias, persas e gregas.

No final do século III, o imperador romano Aureliano reintroduziu um culto ao deus solar no império, pois pretendia fortalecer e organizar uma teologia solar de estrutura monoteísta, numa possível fronteira com a religião cristã que mais proliferava. Ficou a cargo dos Senadores romanos o serviço de adequar esses vários elementos religiosos. Fixou-se o aniversário do deus Sol Invictus em 25 de dezembro, dia do nascimento de todas as divindades solares orientais, provavelmente em decorrência do solstício de inverno no hemisfério norte, onde o Sol parece estar mais próximo em relação à projeção do equador. Em 336 d.C., a partir de uma transmutação cultural mítico-religiosa, o dia 25 de dezembro passaria oficialmente, no calendário romano, a significar o nascimento de Jesus.

A transição do politeísmo para o monoteísmo, inicialmente com a revolução religiosa do faraó Akenatón no Egito, por volta de 1350 a.C. e mais tarde com o monoteísmo judaico-cristão, ao engendrar a perspectiva do “deus único”, deflagrou nas pessoas, e depois nos governos, a postura de intolerância, disseminando perseguições violentas aos cultos pagãos e a todos que cultuassem deuses diferentes. No Império Romano, quando Constantino, o Grande – em busca de apoio político – liberou o culto dos cristãos no ano 313, os templos dedicados aos inúmeros deuses, inclusive aqueles de origens persas como Mitra, passaram a ser fechados. Mas, quando o imperador romano Teodósio se converteu ao cristianismo em 380 e com os Decretos Teodosianos em 391 d.C., o cristianismo tornou-se religião oficial do Império, desencadeando infames e sangrentas perseguições aos seguidores do paganismo. Como parte de suas ofensivas para acabar com os cultos aos vários deuses, os governantes cristãos aboliram, inclusive, os tradicionais Jogos Olímpicos, após serem realizados por mais de mil anos no mundo antigo. Assim, a ascensão

do monoteísmo e do cristianismo alimentava o poder e a intolerância de governantes e de grupos cada vez mais radicais.

A religião cristã uniu-se ao poder político e, no fundo, a Igreja Romana foi a única instituição que sobreviveu ao declínio do mundo romano por ocasião das invasões germânicas. No século V, Clóvis, rei dos Francos, converteu-se ao cristianismo, adquirindo grande força política, e, para unir as várias tribos e conquistar a região da Gália, fundou a dinastia Merovíngia. Assim, o nascimento do mundo medieval iria se caracterizar por uma forte perspectiva religiosa, dogmática e – com o tempo – inquisitorial. Os cristãos unidos ao poder temporal, de perseguidos, tornavam-se perseguidores.

Os mil anos do medievo – para ficarmos apenas no Ocidente – evidenciaram o poder da intolerância e da radicalização quando religião e política se unem num mesmo discurso! Conforme entendia o filósofo romeno E. M. Cioran, em todo homem dorme um profeta, e quando ele acorda, há um pouco mais de conflito no mundo. Para ele, a loucura de pregar está tão enraizada em nós que cada um espera o seu momento para propor algo; não importa o quê. As ideias são animadas pelas paixões humanas. Estas, inseridas no tempo, terminam por gerar, ou gestar, ideologias e doutrinas que traduzem a busca de uma verdade e a “certeza” de havê-la encontrado.

Vivemos atualmente no Brasil não apenas uma recrudescência ao religiosismo, mas uma relação perigosa de proximidade entre religião e Estado. A transição do Império para a República, no final do século XIX, assegurou – dentre outras coisas – o Estado laico no Brasil. Essa lúcida e fundamental separação histórica entre governo e religião, retrocede perigosamente quando observamos, por exemplo, a chamada “bancada religiosa” no Congresso Nacional defendendo, no âmbito do poder legislativo, seus valores conservadores e, por vezes, preconceituosos. Recentemente causou espanto a uma parcela da população brasileira, quando – por ocasião do resultado das eleições presidenciais – o candidato eleito

atribuiu sua vitória a uma “vontade divina”, proferindo diante das câmeras, uma oração de agradecimento. Seria uma reedição adaptada, à moda brasileira, da “teoria do direito divino dos reis”?

A história é feita de fluxos e refluxos, de mudanças e permanências. O fato é que o espectro religioso paira no ar, alimentando uma narrativa de que a moralidade evangélica vem para “moralizar a política” e fortalecer os laços familiares. É no sentido discursivo que a “união” religião-política/Estado pretensamente se justifica. O estudo do passado, na verdade, demonstra o rastro de intolerância e fanatismo protagonizados por essa união. Não é hora de aprendermos com a história?

BIBLIOGRAFIA

CALAINHO, Daniela Buono. **História Medieval do Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Vol. II. Jorge Zahar Editores. Cap. 29. Paganismo, Cristianismo e Gnosticismo na época imperial. Cap. 30. O crepúsculo dos deuses.
HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Cia das Letras, 2018. Cap. 12. Humildade. Você não é o centro do mundo. O nascimento do fanatismo.
MACEDO, José Rivair. **Religiosidade e Messianismo na Idade Média**. São Paulo: Moderna, 2000.

ESTADO



@estadolaiico

RELIGIAO

VIVEMOS
ATUALMENTE
NO BRASIL NÃO
APENAS UMA
RECRUDESCÊNCIA
AO RELIGIOSISMO,
MAS UMA RELAÇÃO
PERIGOSA DE
PROXIMIDADE
ENTRE RELIGIÃO E
ESTADO.